

Professor: Todas as orientações e respostas das atividades propostas neste Projeto estão no **Manual do Professor – Orientações específicas**.



**Videotutorial**

- Assista ao videotutorial com orientações sobre este projeto.

# Intervenção e impacto social

**Tempo estimado para a realização deste Projeto:**  
12 semanas.



IMAGENS: ANTONELLO VENERI



Como você, os jovens presentes nas fotografias destas páginas participam de uma ou mais comunidades. Eles foram responsáveis por protagonizar algumas ações nelas. Nesta página, jovens de Salvador (BA) participam de intervenções artísticas, em 2019.

**Tema integrador:** Protagonismo juvenil

**Objetivo:** Desenvolver um projeto de intervenção e impacto social em uma comunidade.

**Justificativa:** Estreitar laços com a comunidade e com outros jovens; refletir sobre as condições de vida, as necessidades e os sonhos dos membros da comunidade a ser escolhida e pesquisada neste trabalho; experimentar a posição de liderança e planejar ações sociais concretas.

**Questões desafiadoras:** Quais são as necessidades de sua comunidade (ou da comunidade escolhida e pesquisada neste projeto)? Como você pode, junto com outros jovens, contribuir com a transformação social?

**Professor-líder sugerido:** Geografia

**Temas contemporâneos transversais:** Cidadania e Civismo; Multiculturalismo

A juventude é reconhecida hoje como um potente agente de intervenção e transformação social e historicamente desempenha um papel central em processos de grande impacto na sociedade. Neste projeto, você vai desenvolver junto com seus colegas um projeto de intervenção e impacto social liderado por jovens, em uma área de atuação específica. Vamos lá?



IMAGENS: LUCAS DUARTE DE SOUZA

Nestas fotografias, jovens de São Bernardo do Campo (SP) participam de diferentes ações: ao lado, pinturas nas casas da comunidade Favela da Biquinha, em 2011; acima, oficina de estêncil promovida pela prefeitura local, em 2015.

## O que este projeto mobiliza?

### Competências Gerais da Educação Básica

7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

## CONHECENDO O PROJETO

Neste projeto você vai aprender a identificar necessidades e sonhos de uma comunidade e colocar a criatividade a serviço deles! O objetivo é que, engajando-se com seus colegas na comunidade em questão, vocês elaborem um projeto de intervenção e impacto social que possa ser executado. Para isso, você vai mobilizar conhecimentos e técnicas das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas como um todo.

## CONHECENDO O PRODUTO FINAL

O produto final deste projeto é... um projeto! Isso significa que você e seus colegas vão organizar, de forma impressa ou digital, um projeto de intervenção e impacto social em uma comunidade (a ser escolhida na Etapa 1). O projeto deve conter o resultado das atividades propostas em cada etapa do trabalho a ser realizado. Ele deve ser possível de ser executado – e vocês podem, após a conclusão, executá-lo de fato na comunidade, com o apoio dela.

## MATERIAL

- Cadernos, folhas de papel ou blocos de anotações;
- cartolina grande, folha sulfite A1 ou papel *kraft* (pardo) em tamanho gigante;
- canetas (esferográficas, hidrocor etc.);
- computador com acesso à internet;
- impressora (nesse caso, recomendamos imprimir o projeto final, para que todos os membros do grupo tenham o texto em mãos; caso não seja possível usar impressora, vocês podem escrever o projeto à mão e fazer cópias);
- bloco de notas adesivas coloridas.

Professor: As Competências Específicas da área de Linguagens e suas Tecnologias trabalhadas neste Projeto estão relacionadas no **Manual do Professor – Orientações específicas**.

## Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: Competências Específicas e Habilidades trabalhadas neste projeto

Competências	Habilidades
1. Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.	(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).
	(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.
2. Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.	(EM13CHS205) Analisar a produção de diferentes territorialidades em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais, políticas e sociais, no Brasil e no mundo contemporâneo, com destaque para as culturas juvenis.

Competências	Habilidades
5. Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.	(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.
	(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.
6. Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.	(EM13CHS606) Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.

## ETAPAS



### ETAPA 1 - Comunidade: sentidos e significados

Nesta etapa inicial, você vai fazer atividades de sensibilização para refletir sobre o sentido de comunidade e sobre o seu lugar em diferentes comunidades.

### ETAPA 2 - Observando a comunidade, mapeando sonhos e necessidades

Nesta etapa, novas atividades vão guiar a observação atenta das comunidades de que você faz parte ou que estão presentes em sua vida de algum modo. Essa observação deve servir para que você e seus colegas sejam capazes de mapear os sonhos e as necessidades da comunidade com a qual vocês vão trabalhar neste projeto, assim como conhecer seus próprios sonhos e necessidades. Esse é o primeiro passo para pensar criativamente soluções, intervenções e ações de impacto nesse território.

### ETAPA 3 - Criando conexões, construindo redes, identificando recursos

Após criar o mapa de sonhos da comunidade, você deve se atentar para as conexões, redes e recursos disponíveis e ausentes para que esses sonhos possam ser realizados. Essa dimensão da comunidade completa a sua sensibilização sobre ela, necessária para que sua criatividade opere em favor do coletivo.

### ETAPA 4 - Elaborando ações

Com uma boa dimensão do potencial da comunidade e das dificuldades possíveis, você deve se unir a seus colegas para elaborar as ações centrais do projeto.

### ETAPA 5 - Planejamento

Com base nos resultados das etapas anteriores, você e seus colegas vão estruturar um planejamento das ações, seguindo os moldes propostos nesta etapa. Esse planejamento é uma primeira versão, ainda incompleta, do produto final.

### ETAPA 6 - Escrevendo o projeto de intervenção e impacto social

Por fim, unindo uma pesquisa ao resultado das observações empíricas (Etapas 2 e 3), de sua criatividade (Etapa 4) e organização (Etapa 5), você e seus colegas de grupo vão escrever o projeto.

### ETAPA 7 - Autoavaliação

Ao realizar uma atividade de autoavaliação, você poderá observar e refletir sobre seu processo de aprendizado ao longo deste projeto.



# Comunidade: sentidos e significados

## Comunidade, comunidades

Como todo ser humano, você faz parte de uma ou de muitas comunidades. Nesta primeira etapa de trabalho, vamos refletir sobre o sentido de comunidade.

Em seguida, você vai identificar a qual(is) comunidade(s) pertence e como é o seu engajamento nela(s). Você deverá formar um grupo com outros colegas que façam parte da mesma comunidade, seja ela a própria comunidade escolar, ou não. Depois, vocês vão escolher uma dessas comunidades como foco para seu trabalho e do grupo. Vamos lá?

CASSANDRA CURY/PULSAR IMAGENS



RICARDO AZOURY/PULSAR IMAGENS



As comunidades podem ser responsáveis por projetos que atendam a necessidades comuns de seus membros. O diálogo é uma das ferramentas-chave, como na reunião da etnia Guató (acima), em Corumbá (MS), em 2017. Além disso, o compartilhamento de recursos, resultado do diálogo e também da cooperação comunitária, beneficia a todos; é o caso da APCI – Associação de Produção Cerâmica de Itamatatuiá (ao lado), em Alcântara (MA), composta de artesãs de origem quilombola, em 2019.



Comunidades não são formadas apenas pelo local de moradia. Outros espaços de convivência e elos sociais podem alinhar as relações que configuram uma comunidade, como o local de trabalho. O quadro *Operários*, de Tarsila do Amaral, por exemplo, remete às vilas operárias e relações que ultrapassam a atuação laboral nas fábricas. *Operários*, 1933. Óleo sobre tela, 150 cm × 205 cm.

## ATIVIDADES O QUE É "COMUNIDADE"?

Não escreva no livro.

Leia a seguir algumas definições da palavra "comunidade":

1. Qualidade ou estado daquilo que é comum a diversos indivíduos.
2. Grupo de pessoas que vivem em comum e cujos recursos materiais pertencem a todos.
3. Conjunto de pessoas que vivem numa mesma região, com o mesmo governo, e que partilham as mesmas tradições históricas e/ou culturais.
4. A sociedade como um todo.
5. [Sociologia] População que vive em determinado local ou região, ligada por interesses comuns.
6. [Por extensão] Esse local ou essa região.
7. Qualquer conjunto de indivíduos ligados por interesses comuns (culturais, econômicos, políticos, religiosos etc.) que se associam com frequência ou vivem em conjunto.
8. Grupo de pessoas com características comuns, inseridas numa sociedade maior que não compartilha de suas características básicas; sociedade.
9. Grupo de pessoas ligadas pela mesma profissão ou atividade.
10. Conjunto de indivíduos (animais ou vegetais) que vivem juntos na mesma área e que, em geral, interagem ou dependem uns dos outros para existir; biocenose.

COMUNIDADE. In: DICIONÁRIO Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis. São Paulo: Melhoramentos, 2015. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/comunidade/>>. Acesso em: 4 dez. 2019.

1. Com o auxílio de seus professores de Geografia, Sociologia, Filosofia, História e de outros componentes curriculares (como Biologia e Língua Portuguesa), compare os múltiplos sentidos da palavra "comunidade", com base no texto.
2. O que todos esses diferentes sentidos da palavra "comunidade" têm em comum?

## A ideia de comunidade e seus sentidos

Socialmente, podemos dizer, de modo geral, que comunidade é um grupo de pessoas que compartilha laços sociais e recursos, tendo uma identidade comum. As comunidades se conectam em espaços e territórios próprios.

Desse modo, a comunidade é um grupo ao qual você pertence, que se identifica como tal, que compartilha um espaço ou território (mesmo quando não necessariamente o espaço físico cotidiano), assim como laços sociais e recursos (simbólicos, culturais, políticos, materiais etc.).

ROBERTO NASCIMENTO



O debate em torno do conceito de território suscitou diversas compreensões sobre as relações entre os grupos sociais e os espaços físicos ou virtuais. Assim, a ideia de comunidade é mais ampla do que os espaços físicos fixos, limitados. Na fotografia, a feira PerifaCon, em São Paulo (SP), em 2019, voltada para a comunidade *geek*.

### Território

Na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, há muitos estudos sobre os locais de vivência, convivência e encontros das pessoas, os sentidos que elas dão a esses locais, as relações sociais que lá ocorrem e a história que faz parte de todo esse contexto. Chamamos de território a relação entre espaço e relações sociais que delineiam todo o contexto social do espaço. O texto a seguir explica de maneira sucinta essa compreensão:

Um território é produzido, ao mesmo tempo, por relações políticas, culturais e econômicas, nas quais as relações de poder inerentes às relações sociais estão presentes num jogo contínuo de dominação e submissão, de controle do espaço geográfico. O território é apropriado e construído socialmente, fruto do processo de territorialização, do enraizamento; é resultado do processo de apropriação e domínio de um espaço, cotidianamente, inscrevendo-se num campo de poder, de relações socioespaciais.

SAQUET, Marcos Aurélio. O território: diferentes interpretações na literatura italiana. In: RIBAS, Alexandre Domingues *et al.* *Território e desenvolvimento: diferentes abordagens*. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004. p. 128-129.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O trecho a seguir foi escrito por uma geógrafa. Ele apresenta uma noção bastante interessante sobre o sentido de comunidade e o território que ela pode ocupar.

Há também lugares delimitados onde as ações não se fixam de forma contínua pois o uso é esporádico, o que marca o que poderíamos chamar de uma “territorialidade móvel”. Isto é, como a forma do espaço é também aquela do encontro-reencontro e contempla a simultaneidade, pode-se falar em formas de apropriação de “uso temporário” e irregular no tempo, mas que guarda uma territorialidade marcante no plano simbólico dos habitantes da metrópole, como é o caso da **Avenida Paulista, em São Paulo**, que acabou ganhando significado do encontro, da comemoração, da reivindicação, da festa, e que para o cidadão da metrópole dá a sensação de pertencer ao lugar e a uma comunidade.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: FFLCH, 2007. p. 48. Disponível em: <[http://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/O\\_lugar\\_no\\_do\\_mundo.pdf](http://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/O_lugar_no_do_mundo.pdf)>. Acesso em: 5 dez. 2019.

Todos os domingos, na Avenida Paulista, na cidade de São Paulo (SP), o trânsito fica fechado para os automóveis. As pessoas podem circular livremente pela avenida em toda sua extensão e diversas atividades ocupam as ruas: bandas de música, grupos de dança, feirinhas etc. Como em toda relação territorial, nas ruas também se expressam disputas e relações de poder que caracterizam os grupos presentes e a sociedade brasileira como um todo. O caso da chamada “Paulista aberta” é interessante, pois a legislação que determina o fechamento semanal para os carros foi uma conquista justamente de uma comunidade de cidadãos articulados em prol de mais espaços compartilhados, públicos e gratuitos de lazer. Seu projeto poderá, caso deseje, focar em ações desse tipo.

1. Reunidos em duplas, retomem o trecho acima. O que vocês entendem por “territorialidade móvel”? Expliquem.
2. A imagem ao lado remete a um exemplo de territorialidade móvel. Por quê?
3. Faça uma pequena lista com duas colunas. Na primeira, anote exemplos de comunidades presentes em seu cotidiano, quer você pertença a elas, quer não. Discuta com sua dupla se elas participam de momentos e contextos de territorialidades móveis de alguma forma, ou não, e anote as conclusões na segunda coluna. Utilizem essa lista como base para as reflexões das atividades seguintes.



O Programa Ruas Abertas, promulgado em 2016, em São Paulo (SP), garante que algumas ruas sejam abertas para circulação apenas de pedestres, em dias específicos. Na imagem, campanha “Paulista aberta, por uma São Paulo mais humana”, da organização Minha Sampa.

### Narradores de Javé

Na ficção, muitos filmes trabalham de modo bastante criativo com a ideia de comunidade, considerando os sonhos, as necessidades e as ações das pessoas. O filme *Narradores de Javé* (dirigido por Eliane Caffé, de 2004), por exemplo, conta a história de uma pequena comunidade chamada Javé, ameaçada pela construção de uma usina hidrelétrica. Essa enorme obra pode fazer com que Javé seja tomada pelas águas. Seus moradores, então, decidem se organizar e preparar um documento para ser apresentado às autoridades, listando e explicando todos os “grandes” acontecimentos históricos de Javé. Com esse documento, os moradores esperam provar às autoridades que Javé é uma comunidade historicamente importante e, assim, fazer com que a comunidade não seja destruída pela usina hidrelétrica.



No filme *Narradores de Javé*, 2004, de Eliane Caffé, a comunidade inicia uma mobilização para garantir a sobrevivência tanto da região quanto da própria comunidade.

## ATIVIDADES COMUNIDADES A QUE PERTENÇO

Agora, você e seus colegas vão fazer uma atividade para refletir sobre as comunidades às quais pertencem e sobre o engajamento de vocês nelas.

1. Junte-se com seus colegas em grupos de no mínimo cinco e no máximo dez pessoas. Quanto mais amigos, mais próximos e melhor vocês se conhecerem, mais interessante será a atividade.
2. Escreva o nome de cada um de seus colegas, junto com o seu, em uma folha de papel, fazendo uma lista. Seus colegas devem fazer o mesmo. Ao lado de cada nome, vocês devem individualmente e em silêncio listar entre três e cinco comunidades ou grupos dos quais entendem que aquela pessoa faz parte (inclusive você mesmo). Veja o modelo a seguir.

Ana	Grupo de protetores de animais do bairro do Limão, fãs de <i>hip-hop</i> , escola, escoteiros.
Priscila	Grupo de dança de rua, amigos da escola de inglês, grupo na internet de amigos que gostam de livros de ficção científica, escola.
Cléber	Grupo de dança do Centro Cultural, escola, grupo de amigos que fazem objetos na oficina de <i>cultura maker</i> .
Douglas	Associação dos jovens do bairro, escola, grupo de jovens evangélicos, grupo de amigos que fazem <i>podcasts</i> juntos.
Eu	

3. Em uma folha sulfite, organize uma tabela conforme o modelo abaixo.

Na parte superior, escreva:

- a) Grupos de que me sinto parte;
- b) Grupos de que não me sinto parte.

Na parte lateral, à esquerda, escreva:

- c) Grupos dos quais os outros acham que faço parte;
- d) Grupos dos quais os outros acham que não faço parte.

	Grupos de que me sinto parte	Grupos de que não me sinto parte
Grupos dos quais os outros acham que faço parte		
Grupos dos quais os outros acham que não faço parte		

4. Com seus colegas, leiam as listas de identificação de grupos (elaboradas no item 2) de um colega por vez. Por exemplo: caso comecem com você, todos os seus colegas deverão ler os grupos listados sobre você, para somente depois passarem para o próximo.

5. Enquanto seus colegas dizem o nome dos grupos com os quais o identificaram, você deve compará-los com a sua própria lista e refletir sobre o quanto se sente parte dos grupos mencionados por eles, posicionando-os em sua folha sulfite (já com a tabela organizada no item 3):

- Quadrante I – Grupos de que me sinto parte e do qual os outros reconhecem que faço parte.
- Quadrante II – Grupos de que não me sinto parte, mas os outros reconhecem que faço parte.
- Quadrante III – Grupos de que me sinto parte, mas os outros não reconhecem que faço parte.
- O quadrante IV deverá ser preenchido por um ponto de interrogação, uma vez que diz respeito àquilo que nem você, nem seus colegas reconhecem que você faz parte.

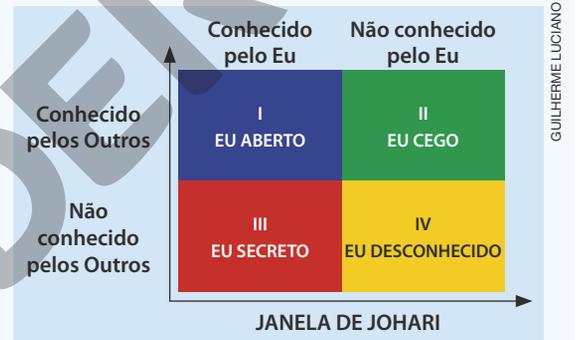
	Grupos de que me sinto parte	Grupos de que não me sinto parte
Grupos dos quais os outros acham que faço parte	I	II
Grupos dos quais os outros acham que não faço parte	III	?

Esses são os quatro quadrantes que fazem parte da metodologia da Janela de Johari, adaptada para as necessidades desta atividade.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

### Janela de Johari

A Janela de Johari é uma metodologia de autorreflexão que procura compreender as dinâmicas das relações entre os indivíduos em um grupo. Essa metodologia foi criada por Joseph Luft e Harrington Ingham em 1955 (o nome “Johari” é uma união de partes dos nomes de Joseph e Harrington). Ela tem como base o princípio de que toda interação social envolve elementos conhecidos e desconhecidos, tanto por nós mesmos como pelos outros. No modelo ao lado você pode visualizar os quadrantes da Janela de Johari em seu modelo clássico.



6. Observe o resultado final de seu mapa de comunidades na Janela de Johari e reflita sobre as seguintes questões:

- As informações se concentram em algum dos quadrantes? Qual? Por que você acha que isso acontece?
- Com quais desses grupos você sente uma conexão mais forte? Isso se reflete na percepção dos outros sobre seu pertencimento a algumas comunidades?

Não escreva no livro.

## ATIVIDADE ESCOLHENDO UMA COMUNIDADE DE TRABALHO

Procure, em sua sala, colegas que pertençam às mesmas comunidades que você, para formar um grupo. Procure privilegiar comunidades com as quais você sente que tem um laço mais forte, caso seja possível. Reunidos em grupo, definam, então, qual será a comunidade de trabalho de vocês ao longo de todo o processo deste projeto. Caso tenham dúvida sobre se algum dos grupos com os quais você se identifica seja de fato uma comunidade, conceitualmente falando, procurem orientação do professor.



# Observando a comunidade, mapeando sonhos e necessidades

## Primeiros contatos

Agora que vocês definiram a comunidade com a qual desejam trabalhar, é hora de tomar contato com essa comunidade para mapear seus sonhos e suas necessidades.

Caso a comunidade ocupe um território mais ou menos definido e/ou apresente algum tipo de organização interna, procurem agendar uma visita do grupo para um primeiro contato. Caso seja uma comunidade que se organiza virtualmente e se encontra esporadicamente, a leitura e observação de material produzido e de diálogos estabelecidos entre seus membros é valiosa para essa ambientação.

Três ferramentas podem ser preciosas nesse processo em que você e seus colegas vão tomar contato com a comunidade escolhida: a facilitação gráfica, a comunicação não violenta (CNV) e a metodologia World Café.

## World Café: levantando sonhos e necessidades

Agora, você vai conhecer uma metodologia de conversa em grupo orientada chamada World Café. Ela serve para iniciar o diálogo de seu grupo com a comunidade escolhida para ser trabalhada neste projeto.

A metodologia World Café foi criada por Juanita Brown e David Isaacs em 1995, nos Estados Unidos. O termo “café” é usado justamente com o sentido de convidar e aproximar pessoas, fazendo com que elas se sintam confortáveis ao iniciar um diálogo, como se estivessem em uma mesa de um restaurante ou de um café.

O World Café pode ser aplicado em salas de aula, empresas, associações e outras instituições, nos momentos em que grupos de pessoas estiverem interessadas em dialogar, conversar e encaminhar determinado tema ou propósito.

Para conhecer mais detalhes sobre essa interessante metodologia, leia os boxes “Como facilitar um World Café?” e “Sugestões importantes”, a seguir. Caso necessário, a metodologia pode ser adaptada. Em vez de mesas, cartolinas no chão podem funcionar bem, ou mesmo folhas de papel sulfite. O ponto central do World Café é a forma de promover diálogo em grupos menores rotativos dentro de um grupo maior de pessoas. Caso o grupo de pessoas seja pequeno e próximo, vocês podem substituir o uso dessa metodologia por uma conversa em que utilizam as mesmas perguntas como eixo, elaborando uma árvore de ideias e palavras coletivamente.

Na metodologia World Café, todos os integrantes devem participar com suas experiências e opiniões, trocando ideias com os demais sobre o tema em questão, sem desrespeitar o tempo e a fala de cada um. Elaborado com base em: THE WORLD Café. Disponível em: <<http://www.theworldcafe.com/tools-store/hosting-tool-kit/image-bank/book-images/>>. Acesso em: 3 jan. 2019.



Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Você e seu grupo vão procurar, agora, realizar um World Café com a comunidade escolhida, sob orientação e supervisão do professor. O tema do World Café deve ser o seguinte: “Nossos sonhos e necessidades”.

Caso vocês não consigam, necessariamente, realizar um World Café (no formato proposto aqui), vocês têm a opção de realizar conversas com membros da comunidade, como sugerido na página anterior.

### Como facilitar um World Café?

Por onde começar?

- Convide o grupo (média de 16 pessoas no mínimo) a se sentar em pequenos grupos de **4 pessoas por mesa**. (Cada mesa já abastecida com *flip chart* ou cartolina grande, canetinhas e *post-its* à disposição). Explique que a dinâmica toda irá durar em torno de 1h30, com 3 rodadas de conversa e cada rodada será norteadada por uma pergunta.
- Escolhe-se livremente um “anfitrião” para cada mesa, que permanecerá fixo na mesa enquanto os outros irão trocar livremente entre uma rodada e outra. Este anfitrião terá o papel de atualizar os novos convidados sobre os principais *insights* da rodada anterior, e para isso o *flip chart* preenchido com informações é essencial. Para isso, todas as pessoas (não só o anfitrião) são incentivadas a escrever, desenhar e rabiscar as ideias no *flip/cartolina* e *post-its* ao decorrer das conversas.
- A **primeira pergunta** é apresentada para todos [...] e o convite para conversar nos pequenos grupos é feito. A duração de cada rodada é de, em média, 20 a 30 minutos.
- Com o término da primeira rodada, o anfitrião permanece na mesa e os demais são convidados a mudar aleatoriamente de mesa.
- Ao chegar na segunda mesa, o anfitrião da nova mesa relata brevemente os principais assuntos tratados na rodada anterior [...].
- Após o relato, inicia-se a segunda rodada com uma **nova pergunta**. [...]
- Com o término da segunda rodada, o mesmo processo acontece. O anfitrião permanece na mesa e os demais se misturam.
- Após o relato, **a terceira rodada se inicia com uma nova pergunta**.
- Ao final da terceira rodada, existe o momento de compartilhamento (chamado de colheita) em que com todos os participantes, geralmente dispostos num formato circular, relatam o que mais chamou atenção deles nas conversas das mesas.

Adapte os números para o coletivo ou comunidade com que você está trabalhando.

Sua primeira pergunta deve ser: quais são nossas necessidades como comunidade?

Quais são nossos sonhos como comunidade?

Quais obstáculos encontramos para suprir essas necessidades e construir esses sonhos?

COMO facilitar um World Café? In: KAILO. Disponível em: <<http://kailo.com.br/como-facilitar-um-world-cafe/>>. Acesso em: 6 dez. 2019.

### Sugestões importantes

- Tenha consciência do propósito do seu World Café;
- crie um espaço receptivo e hospitaleiro;
- crie perguntas relevantes para os participantes;
- estimule as contribuições de todos;
- conecte perspectivas distintas;
- promova a **escuta conjunta** e compartilhe as descobertas.

Uma das técnicas mais interessantes para promover um tipo de escuta empática é a chamada comunicação não violenta (CNV). Leia mais detalhes na página seguinte e, se puder, incorpore essas técnicas em seu World Café ou no diálogo inicial com a comunidade.

KAILO. *Como facilitar um World Café?*. Disponível em: <<http://kailo.com.br/como-facilitar-um-world-cafe/>>. Acesso em: 6 dez. 2019.

## Comunicação não violenta (CNV)

O texto e o esquema ilustrado a seguir apresentam um pouco dos princípios da comunicação não violenta (CNV), que você e seus colegas devem utilizar como guia tanto na interação interna do grupo de trabalho quanto na interação com a comunidade. Esses princípios devem ser aplicados durante todo o processo do World Café, bem como ao longo do projeto.

A CNV [comunicação não violenta] nos ajuda a reformular a maneira pela qual nos expressamos e ouvimos os outros. Nossas palavras, em vez de serem reações repetitivas e automáticas, tornam-se respostas conscientes, firmemente baseadas na consciência do que estamos percebendo, sentindo e desejando. Somos levados a nos expressar com honestidade e clareza, ao mesmo tempo que damos aos outros uma atenção respeitosa e empática. Em toda troca, acabamos escutando nossas necessidades mais profundas e as dos outros. A CNV nos ensina a observarmos cuidadosamente (e sermos capazes de identificar) os comportamentos e as condições que estão nos afetando. [...]

[...] Pela ênfase em escutar profundamente – a nós e aos outros –, a CNV promove o respeito, a atenção e a empatia e gera o mútuo desejo de nos entregarmos de coração.

[...]

Hoje, em todo o mundo, a CNV serve como recurso valioso para comunidades que enfrentam conflitos violentos ou graves tensões de natureza étnica, religiosa ou política. [Há um] avanço do treinamento em CNV e seu uso em mediações entre partes em conflito em Israel, no território da Autoridade Palestina, na Nigéria, em Ruanda, em Serra Leoa e em outros lugares [...].

ROSENBERG, Marshall B. *Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. São Paulo: Agora, 2006.

ILUSTRAÇÕES: ALEX ARGOZINO



Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Elaborado com base em ROSENBERG, Marshall B. *Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. São Paulo: Agora, 2006.

## Design de informações

Para registrar o processo de diálogo e construção coletiva da comunidade em relação a seus sonhos e necessidades, você e seu grupo devem estar atentos ao *design* de informações, potencializado pela comunicação não violenta. Vocês podem, no momento de colheita do World Café e/ou do diálogo inicial com a comunidade, utilizar a facilitação gráfica, uma das diversas formas de *design* de informações, para mediar o processo de conversa e decisão da comunidade.

Hoje, o *design* de informações é uma área cada vez mais relevante de trabalho e uma necessidade de diversas empresas e de gestores públicos. O mapa mental, por exemplo, é um tipo de ferramenta da área de *design* de informação, assim como os infográficos. Pensar o *design* de informações é uma questão de interesse público, ligada diretamente ao exercício da cidadania:

O *design* de informações é estratégico nas discussões e no desenvolvimento de projetos comunitários, visando a mediação e a coletividade. Na imagem, um exemplo de *design* de informações que ilustra, justamente, características de uma facilitação gráfica.



[Um] exemplo, mais recente, da falta de funcionalidade da informação gerando consequências desastrosas (mundialmente desastrosas, neste caso). O jornal *Folha de São Paulo* de 13.11.2001 [...] cita notícia veiculada pelo site do diário norte-americano *New York Times* dizendo o seguinte:

*O novo estudo [sobre as eleições de 2001 nos Estados Unidos, que deram vitória ao presidente republicano George Bush] deu respaldo estatístico às reclamações de muitos eleitores, sobretudo democratas de idade avançada, segundo os quais cédulas confusas os atrapalharam no momento da votação, fazendo com que votassem em mais de um candidato, segundo o jornal (NYT). Mais de 113 mil eleitores votaram em dois candidatos ou mais. Entre eles, 75 mil escolheram Gore (o candidato democrata derrotado) e algum outro candidato de menor expressão, enquanto apenas 29 mil votaram em Bush e em outro candidato menos expressivo. Esses votos não foram considerados no resultado final porque a intenção dos eleitores não estava clara, de acordo com o diário. A vitória de Bush na Flórida deu ao republicano os 25 votos do Estado no Colégio Eleitoral. Assim, Bush chegou a 271 votos no colégio, um a mais do que o mínimo necessário para vencer o pleito.*

E se as cédulas não fossem “confusas”? E se tantos milhares eleitores não tivessem “se atrapalhado” com elas? (mesmo sendo idosos – e nesse ponto eu lembro que o que é ruim para idoso é ruim para todo o mundo). E se Bush não tivesse sido eleito, como seria o mundo hoje? [...]

REDIG, Joaquim. Não há cidadania sem informação, nem informação sem design. *InfoDesign – Revista Brasileira de Design da Informação*, v.1, n. 1, p. 58-66, 2004. p. 61.

## Pontos principais do *design* de informações

O autor do texto que você leu na página anterior resume alguns pontos principais do *design* de informações, que foram sistematizados e adaptados no esquema abaixo.



REGISTRO VISUAL POR MIRÁ DESIGN DE IDEIAS. FOTOGRAFIA DE KEINY ANDRADE

O avanço do *design* de informações exigiu a especialização de profissionais que atendessem a essa nova demanda do mercado. Na fotografia, uma *designer* em produção de uma facilitação gráfica, em Comandatuba (BA), em 2019.

### PONTOS PRINCIPAIS DO *DESIGN* DE INFORMAÇÕES

DESTINATÁRIO DA MENSAGEM	FORMA DE TRANSMISSÃO	TEMPO PARA TRANSMISSÃO/ RECEPÇÃO DA MENSAGEM
<ul style="list-style-type: none"><li>▶ O foco deve ser no receptor da mensagem. As decisões de como transmitir a mensagem devem priorizar o receptor em relação ao transmissor.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>▶ Analogia (a informação deve estabelecer uma analogia com seu conteúdo, com clareza e rapidez de leitura)</li><li>▶ Clareza</li><li>▶ Concisão</li><li>▶ Ênfase</li><li>▶ Coloquialidade</li><li>▶ Consistência</li><li>▶ Cordialidade</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>▶ Senso de oportunidade (a informação deve aparecer em primeiro plano, quando precisarmos dela; e deve ficar em segundo plano quando não precisarmos)</li><li>▶ Estabilidade</li></ul>

### Facilitação gráfica e construção coletiva

Há diversas formas de *design* de informações e algumas delas – como a facilitação gráfica – são ferramentas poderosas para fomentar o diálogo de grupos e consolidar decisões coletivas. Por meio delas, um grupo de pessoas pode observar e reconhecer o diálogo que gerou certas decisões, assim como visualizar rapidamente os pontos-chave, os conflitos, os obstáculos e as ferramentas para superá-los. A reportagem a seguir resume um pouco do trabalho de uma facilitadora gráfica.

Transformar documentos que fazem parte da rotina das empresas, como atas de reunião, balanços e relatórios, em materiais visualmente interessantes, de fácil compreensão e interpretação, está gerando carreiras promissoras ligadas ao *design* de informação.

Tarefas como facilitação gráfica, consultoria de visualização de dados, consultoria de apresentações corporativas e *design* de interação são todas subdivisões do *design* de informação.

Com planilhas eletrônicas e com o aumento da presença de empresas na *web*, os negócios passaram a gerar mais dados do que nunca. Como consequência, a demanda por esses serviços de “tradução” de informação têm crescido.

[...]

Mila Motomura, 38, vive de desenhar com a caneta. Ela vai a reuniões de empresas, ouve

o que é dito e coloca o que é mais importante no papel, de forma gráfica. Ou seja, ela faz, na hora, uma ata desenhada da reunião.

Às vezes, ela leva um finalizador, um desenhista que completa, com cores e formas, as ideias visuais que ela esboça no papel.

O objetivo é que, com o desenho, “o grupo [que participa do encontro que ela está ilustrando] enxergue o resultado da reunião e consiga tomar decisões”, diz Motomura.

[...]

GUTIERREZ, Felipe. Cultura visual ganha força nas empresas e cria novas profissões. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 9 dez. 2012. Empregos e carreiras. Disponível em: <<http://classificados.folha.uol.com.br/empregos/1198002-cultura-visual-ganha-forca-nas-empresas-e-cria-novas-profissoes.shtml>>. Acesso em: 6 dez. 2019.

## ATIVIDADES

## COLHEITA E SISTEMATIZAÇÃO NO DESIGN DE INFORMAÇÕES

Não escreva no livro.

No diálogo com a comunidade com a qual vocês vão trabalhar, vocês devem utilizar pelo menos uma das seguintes ferramentas de *design* de informações: facilitação gráfica, mapa mental ou infográfico. Considerem as sugestões a seguir:

1. As três ferramentas (facilitação gráfica, mapa mental ou infográfico) comecem com a colheita, ou seja, uma seleção das informações relevantes da conversa, e como se relacionam entre si. Isso pode ser feito com rascunhos à mão, em um caderno, por exemplo. Caso você tenha o hábito de fazer registros com o auxílio de traços, formas e flechas, pode inserir alguns desses elementos que o auxiliem a lembrar a relação entre as informações. Estruturas de tópicos, diferentes cores e palavras-chave também são maneiras de acessar rapidamente a informação relevante. O próprio mapa mental pode servir para sistematizar a colheita de informações desse diálogo com a comunidade, e servir como base para um trabalho de facilitação gráfica posterior. Não se esqueça: qualquer uma das três ferramentas deve ter seus resultados apresentados e discutidos pela própria comunidade, que poderá opinar sobre a forma como suas ideias foram representadas. Caso seja necessário, você e seu grupo devem realizar alterações para que a comunidade se reconheça e reconheça suas ideias ali.
2. O assunto central da conversa e, portanto, da colheita, devem ser os sonhos e as necessidades da comunidade. A ideia de elaborar um projeto de intervenção e impacto social na comunidade escolhida e estudada é apoiar processos autênticos da própria comunidade, evitando retirar dela a autonomia. Por isso, essa etapa é importante; você e seu grupo, como mediadores desse processo, devem estar atentos para os princípios da comunicação não violenta (CNV) em todos os momentos.



# Criando conexões, construindo redes, identificando recursos

## Pesquisando e estudando a comunidade escolhida

Agora que você e seu grupo de trabalho já estão atentos aos sonhos e às necessidades da comunidade em questão, vamos, por meio das atividades desta etapa, enxergar conexões e fortalecer redes de cooperação. Nesse processo, vocês devem realizar uma pesquisa simples sobre a comunidade, para conhecê-la bem e entender seu contexto de origem e atuação. Vocês devem, também, identificar recursos e potenciais da comunidade em relação a seus sonhos e suas necessidades, assim como mapear obstáculos possíveis, estimando estratégias para superá-los. Vamos lá?

### ATIVIDADES

### INFOGRÁFICO: UM ESTUDO SOBRE A COMUNIDADE EM QUESTÃO

Não escreva no livro.

Para sistematizar as relações e conexões que vocês observaram na etapa anterior, vocês devem criar, agora, um infográfico simples. Esse infográfico informará o olhar de vocês durante o processo criativo proposto na etapa seguinte. Veja, abaixo, sugestões de como proceder:

1. Procurem conhecer e representar, no infográfico, o território em que essa comunidade atua e/ou se reúne. Que território é esse? Há um espaço físico? A comunidade atua e/ou se reúne apenas virtualmente? Ela se encontra esporadicamente em um local determinado?
2. Caso vocês estejam trabalhando com um bairro, por exemplo, ou com uma comunidade que atua em uma área ampla do município, é possível pesquisar alguns dados sobre o bairro em questão e sobre a situação de vida de seus moradores no site da prefeitura. Vocês podem utilizar, no trabalho deste projeto, alguns mapas, plantas e imagens de satélite que mostrem parte do município e do bairro em questão, por exemplo, e utilizar essas fontes para ampliar o conhecimento a respeito do território da comunidade escolhida.
3. Também é interessante realizar uma pesquisa (quando possível, a depender da comunidade escolhida) sobre alguns indicadores sociais e econômicos da comunidade ou do bairro em questão. Dados como esses também podem ser encontrados no site do município. Há um índice importante que pode ser pesquisado por vocês neste momento: o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (**IDHM**).
4. Também é possível se dedicar a contar a história da comunidade em questão. É uma comunidade antiga? De que maneira ela se formou? Qual é sua origem? Há eventos ou fatos relevantes na história da comunidade que, na visão de seus membros, poderiam ser pesquisados por vocês?

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) considera três dimensões do desenvolvimento humano: longevidade, educação e renda. O índice varia de 0 a 1. Quanto mais próximo de 1, maior o desenvolvimento humano em determinado município. Os indicadores levados em conta no IDHM são bastante adequados para avaliar o desenvolvimento dos municípios brasileiros e podem ser usados como fonte de pesquisa em seu projeto, durante a realização dos estudos e pesquisas sobre a comunidade escolhida.

Deem continuidade à produção do infográfico, levando em consideração os sonhos e as necessidades da comunidade em questão, já levantados.

1. Façam uma lista das pessoas que vocês identificam e reconhecem como parte da comunidade. Escolham um critério para posicioná-las no infográfico (proximidade umas com as outras, hierarquia etc.).
2. Junto com o nome das pessoas, listem os sonhos e as necessidades apontados por elas como importantes.
3. Incluam nessa listagem os talentos e recursos materiais e simbólicos que cada pessoa pode acrescentar à comunidade ou ajudar a mobilizar.
4. Observem os obstáculos que sejam possíveis de prever.
5. O infográfico deve ser utilizado no projeto como forma de aproximar o leitor do contexto vivido pela comunidade, de forma a justificar o tipo de ação proposto (que vocês devem elaborar na etapa seguinte).



## Elaborando ações

### Ações centrais do projeto a ser elaborado

Com uma visão já bastante concreta sobre a comunidade com a qual seu projeto de intervenção e impacto social deve trabalhar, ficará mais fácil pensar que tipo de ações será o foco do projeto. As atividades previstas nesta etapa auxiliarão seu grupo a organizar essas ideias e a definir as ações centrais do projeto.

Não escreva no livro.

#### ATIVIDADE ÁREA DE ATUAÇÃO

Vocês devem ter notado que talvez alguma área de atuação se sobressaia ou pareça especialmente importante para aquela comunidade. Conversando com seus colegas, defina qual é a área de atuação do projeto com base nessa percepção. Leia as sugestões abaixo para auxiliar na reflexão:

- Meio ambiente
- Transporte
- Integração da comunidade e conflitos internos
- Espaço físico
- Violência
- Cultura
- Comunicação e mídia
- Saúde
- Outra (Qual?)

#### ATIVIDADES ESCOLHA DAS AÇÕES

Observem tudo o que sistematizaram até aqui, sob a perspectiva da área de atuação escolhida. Vocês podem inclusive realizar, entre vocês, um World Café com as seguintes perguntas:

1. Quais são as principais necessidades e os principais sonhos da comunidade no que diz respeito à área de atuação escolhida?
2. Quais são os principais obstáculos para esses sonhos e essas necessidades e por que eles existem?
3. Que tipo de ação nós, como estudantes ligados a essa comunidade, podemos concretamente organizar para ajudá-la a suprir as necessidades e conquistar os sonhos ligados a essa área de atuação?



# Planejamento

## Começando a planejar

Vocês já conhecem a comunidade, têm uma boa dimensão das redes e dos recursos disponíveis, e decidiram quais serão as ações centrais do projeto. Agora, é hora de focar no senso prático e realizar um planejamento que deve integrar o projeto. As atividades desta etapa auxiliarão seu grupo a pensar sobre a delimitação geográfica e temporal das ações, as atividades de mobilização de recursos, um possível cronograma de atuação e outros detalhes importantes para que seu projeto seja factível.

### ATIVIDADE SINOPSE

Não escreva no livro.

Elaborem, juntos, uma sinopse de um parágrafo que responda às perguntas:

- O que o projeto busca fazer, com qual comunidade e por que é importante para ela?
- Qual é o impacto social esperado e os recursos necessários?

Guardem a sinopse, pois ela vai dar base à justificativa e à apresentação do projeto escrito.

### ATIVIDADES CANVAS

Não escreva no livro.

Projetos sociais, empreendimentos sociais e negócios que visam lucro têm algumas coisas em comum em sua estrutura. Por isso, o modelo Canvas, ou *Business Model Generation* (do inglês “Geração de modelos de negócios”), vem sendo usado tanto no terceiro setor quanto por grandes empresas. Trata-se de uma metodologia para visualizar projetos e organizar as principais ideias sobre sua estrutura. O texto a seguir comenta os princípios dessa técnica que você poderá utilizar com seu grupo para delinear o projeto desejado.

O Business Model Generation, ou simplesmente Canvas, é uma metodologia criada em meados dos anos 2000 pelo suíço Alex Osterwalder [...]. O Canvas é um esquema visual que possibilita as pessoas cocriarem modelos de negócios analisando nove elementos que toda empresa ou organização possuem: proposta de valor, parcerias-chaves, atividades-chaves, recursos-chaves, relacionamento com clientes, segmentos de clientes, canais de distribuição, estrutura de custos e fluxo de receitas.

Essa metodologia possibilita descrever e pensar sobre o modelo de negócios da organização do empreendedor, de seus concorrentes ou qualquer outra empresa. De acordo com os autores, o conceito Canvas

já foi aplicado e testado em diversos locais do mundo, além de ter sido aplicado por grandes organizações [...].

Os nove componentes do Canvas cobrem as quatro principais áreas de um negócio: clientes, oferta, infraestrutura e viabilidade financeira. Marcelo Severo Pimenta, na cartilha *O quadro de modelo de negócios*, reforça que essa é uma das ferramentas mais utilizadas por empreendedores e empresas para iniciar um negócio ou para inovar em empresas já constituídas.

A ferramenta do Canvas, em formato de um quadro, permite analisar visualmente o modelo de negócios que está sendo criado, remodelado e adaptado com o pensamento visual, que consiste em usar desenhos para representar situações ou ideias. Esse diferencial possibilita ver o modelo como um desenho e não como uma folha de texto.

Como explica Pimenta, ao olhar para o *Quadro do Canvas* é possível compreender rapidamente e comparar as relações entre os nove blocos e descobrir se existe sentido e complementação entre eles. E por ser uma ferramenta visual, a cocriação é facilitada, permitindo que pessoas não envolvidas diretamente no negócio possam ajudar na construção e análise do modelo.

MOTA, Gleison. Canvas: o que é e para que serve? In: ADMINISTRADORES.COM, 17 abr. 2019. Disponível em: <<https://administradores.com.br/artigos/canvas-o-que-e-para-que-serve>>. Acesso em: 8 dez. 2019.

1. Para começar, façam uma cópia do modelo abaixo, já adaptado para este projeto, em uma folha de papel, kraft ou cartolina de aproximadamente 1 metro quadrado.
2. Em vez de anotar de forma definitiva as respostas, utilizem *post-its*. Em um primeiro momento, todos do grupo devem individualmente escrever nos *post-its* e colar nos locais correspondentes sua resposta. Quando todos tiverem terminado, o grupo deve ler e observar as respostas e o posicionamento e conversar, caso haja mudanças, críticas e adaptações, sempre procurando lembrar os princípios da comunicação não violenta (CNV).

Elaborado com base em dados obtidos em: <<https://www.ekloos.org/impactosocialcanvas>>. Acesso em: 9 dez. 2019.

ILUSTRAÇÕES: GUILHERME LUCIANO

<b>Projeto de intervenção e impacto social na comunidade</b>				
<b>Canvas</b>				
<b>Sonho</b> Para quê?				
<b>Justificativas</b> Por quê?	<b>Organização</b> Quem?	<b>Recursos</b> Com o quê?	<b>Equipe</b> Com quem?	<b>Cronograma</b> Quando?
Notas	Notas	Notas	Notas	Notas
<b>Beneficiários</b> Para quem?	<b>Atividades</b> O quê?	<b>Inovação</b> Diferenciais	<b>Parceiros</b> Com quem?	Notas
Notas	Notas	Notas	Notas	Notas
<b>Localidade</b> Onde?	Notas	Notas	<b>Avaliação</b> Resultados e indicadores	<b>Custo</b> Quanto?
Notas	Notas	Notas	Notas	Notas



# Escrevendo o projeto de intervenção e impacto social

## É hora de colocar as ideias no papel

Além das determinações práticas da etapa anterior, é fundamental, para escrever seu projeto de intervenção e impacto social, que tudo o que vocês decidirem propor esteja bem fundamentado. Por isso, nesta etapa vocês vão realizar uma pesquisa em fontes confiáveis das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, com o auxílio de seus professores, redigindo a justificativa do projeto com base nesses estudos.

Além disso, vocês vão formatar o projeto segundo um modelo específico, bastante utilizado no terceiro setor e em movimentos sociais para apresentar ideias de impacto social. O resultado será o seu projeto de intervenção e impacto social, bem escrito e fundamentado, que é o produto final proposto aqui.

INCUBADORA DE PROJETOS SOCIAIS DA UFPA



Projetos sociais também podem ser realizados por empreendedores sociais. Algumas universidades, como a Universidade Federal do Pará (UFPA), têm incubadoras, voltadas para seus estudantes, que apoiam esse tipo de empreendimento.

### ATIVIDADE

### ELABORANDO A JUSTIFICATIVA

Não escreva no livro.

Utilize os mecanismos de pesquisa bibliográfica que você já conhece para buscar referências e escrever a justificativa do seu projeto, com o auxílio de seu professor. A justificativa é um texto de duas a quatro páginas que apresenta ao leitor os motivos concretos para defender a relevância do projeto. Vocês podem, além de conceitos e autores, mobilizar estudos prévios (especialmente aqueles realizados na Etapa 3 deste projeto). O infográfico produzido também pode ser incorporado a esta seção do projeto.

Não escreva no livro.

### ATIVIDADE

### FORMATANDO E ESCRIVENDO O PROJETO DE INTERVENÇÃO E IMPACTO SOCIAL

Agora é necessário escrever e montar o projeto de intervenção e impacto social em seu formato final. O projeto deve ter entre 10 e 15 páginas no total e deve ser elaborado por todo o grupo. O texto abaixo contém algumas dicas importantes para essa escrita.

Apesar da elaboração de projetos sociais ser tema recorrente nos cursos voltados para o terceiro setor, elaborar um bom projeto social continua sendo um desafio para grande parte das organizações da sociedade civil. [...] resumimos a seguir as características de bons projetos sociais. [...]

#### CLAREZA DE PROPÓSITO

Um projeto existe para provocar mudanças, trazer uma contribuição real para determinada comunidade, público-alvo ou causa social. Ter claramente estabelecido os objetivos que se quer alcançar com o projeto é fundamental. Sem isso, corre-se o risco de desperdiçar tempo e recursos valiosos. Dica! Objetivos expressam mudanças/transformações e não as ações que serão executadas ao longo do projeto.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

## PLANO DE AÇÃO REALISTA

O plano de ação contempla as ações que serão realizadas para se alcançar os objetivos propostos, considerando o tempo de duração do projeto. Dica! O plano de ação deve indicar o caminho que será percorrido para se chegar aos objetivos do projeto. Mostra como as ações se relacionam e em que ordem elas acontecem.

## INDICADORES DE AVALIAÇÃO

A avaliação de resultados é realizada depois que o projeto se encerrou. Serve para descobrir quais mudanças o projeto provocou e também o que é preciso alterar para fazer melhor da próxima vez! Dica! Cada objetivo do projeto possui um ou mais indicadores que respondem à seguinte pergunta: quais são as evidências concretas que mostram que o objetivo foi atingido?

## CRIATIVIDADE

Buscar caminhos ainda não percorridos é importante não só para se destacar dentre tantos projetos, mas para alcançar resultados mais efetivos. Muitos financiadores estão abertos para novas possibilidades de provocar mudanças e influenciar a sociedade. Dica! Liberte-se de padrões já conhecidos, ouse!

## CONTINUIDADE DO PROJETO

Apesar de sabermos que um projeto tem começo, meio e fim, seus resultados, produtos e aprendizados gerados permanecem e influenciam a organização e outros futuros projetos e programas. É interessante explicitar em quais condições essa continuidade é possível ocorrer. Em outras palavras, a continuidade nem sempre significa fazer o mesmo projeto igual de novo. Dica! Amplie o olhar sobre o potencial de influência e continuidade do seu projeto!

DICAS para escrever um bom projeto social. In: CHILDHOOD. Disponível em: <<https://www.childhood.org.br/dicas-para-escrever-um-bom-projeto-social>>. Acesso em: 9 dez. 2019.

- O formato do projeto de intervenção e impacto social deve ser o seguinte:

Seção	Função	Extensão
Capa	Exibir título, nome do grupo e outras informações preliminares. Captar a atenção de quem lê.	1 página
Sumário	Apresentar o conteúdo das páginas.	1 página
Apresentação	Apresentar o projeto em linhas gerais, mencionando os objetivos, os resultados esperados e o público-alvo/comunidade com a qual se vai trabalhar.	1-2 páginas
Justificativa	Mostrar por que o projeto é importante, e em que estudos se baseia.	2-4 páginas
Objetivos gerais e específicos	Apresentar os objetivos gerais e, dentro deles, os objetivos específicos de transformação e contribuição com a comunidade em questão.	1 página
Quadro de metas	Apresentar metas concretas de trabalho que podem ser usadas para avaliar o sucesso do projeto. (Exemplo: plantar 100 árvores em 4 fins de semana).	1 página
Metodologia	Apresentar as formas de ação, os meios para bater as metas e atingir os objetivos.	2 páginas
Custos e recursos	Sistematizar os custos (orçamento) e os recursos necessários. Explicitar como serão obtidos e mobilizados.	1 página
Parceiros e contribuição	Listar os parceiros e a contribuição que estão dispostos a fazer (pessoas, empresas, organizações etc).	1 página
Cronograma	Apresentar que atividades são esperadas em que fase do projeto e quanto tempo levam.	1 página

## Retornando à comunidade

Com o produto final em mãos, vocês devem elaborar uma maneira de apresentá-lo de forma impactante para a comunidade (tanto para as comunidades trabalhadas pela turma, externas à escola, como para a própria comunidade escolar).

A apresentação desses projetos constitui uma possibilidade de um novo diálogo com as comunidades trabalhadas. Nesse novo diálogo, vocês, juntos, podem conversar sobre a possibilidade de implementação dos projetos de intervenção e impacto social. E qual seria a melhor maneira de fazer isso? Apresentamos, a seguir, duas opções:

- Sugerimos que vocês, ainda organizados em grupos, realizem uma colheita e criem uma facilitação gráfica partindo do texto do projeto que criaram ou um pôster. Esse pôster deve ser exposto para a comunidade trabalhada e também em sua escola, para que todos os colegas de sala conheçam a fundo os diversos projetos de intervenção e impacto social elaborados.
- Vocês podem realizar uma grande exposição na escola, em uma data previamente combinada com os professores, chamada “Expo Impacto”. Esse evento pode ser feito em uma sala de aula ampla, na quadra de esportes ou em outro local nas dependências da escola, à escolha de vocês. Convidem toda a comunidade escolar e membros das comunidades trabalhadas por vocês neste projeto. Cada grupo pode exibir a facilitação gráfica do projeto realizado (em forma de pôster) e exibir, também, os infográficos e demais registros feitos ao longo das etapas. Cópias dos projetos de intervenção e impacto social devem ficar disponíveis próximos a cada pôster, já que os visitantes podem desejar consultá-los para conhecer mais sobre cada projeto (outra opção é gerar um *QR Code* e sugerir que os visitantes da exposição acessem uma versão digital dos projetos, caso disponham de *smartphones*).



O pôster, produzido manual ou digitalmente, é uma importante e tradicional ferramenta para expor as principais informações do projeto elaborado, de forma resumida e ilustrada.

ALEX ARGOZINO

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

## Autoavaliação

Não escreva no livro.

Elaborar uma proposta de intervenção na comunidade, na forma de um projeto de impacto social, é algo que deve ser feito de maneira bastante cuidadosa. Você e seus colegas, ao longo das etapas deste projeto, fizeram exercícios importantes de escuta da comunidade, realizaram pesquisas e estudos detalhados sobre ela e organizaram tudo isso em forma de diferentes registros. A maior parte dessas formas de registro são ferramentas usadas em empresas, governos, movimentos sociais e instituições do terceiro setor.

Como estamos vendo, um projeto como este toma bastante tempo e exige esforços e investimentos pessoais de todos os envolvidos. Uma autoavaliação permite refletir sobre os aprendizados acumulados coletiva e pessoalmente ao longo do processo. Essas reflexões podem auxiliá-lo inclusive em outros projetos que você poderá executar, além de serem uma forma de sistematizar acertos e erros, também aplicável à vida fora da escola.

Com o projeto de intervenção e impacto social em mãos, procure refletir sobre as questões a seguir.

Lembre-se: ainda inspirados pelo projeto, você e seus colegas podem adaptar as questões abaixo para realizar com a turma toda um World Café, em que todos troquem impressões e experiências sobre os projetos elaborados.

1. O projeto de intervenção e impacto social é factível?
2. Eu tenho vontade de executá-lo? Essa é uma possibilidade concreta? Por quê?
3. Minha relação com a comunidade foi transformada no processo? De que maneira?
4. Como foi trabalhar com os colegas que estavam no mesmo grupo? Quais foram os maiores desafios? E as facilidades?
5. Eu atuei de forma colaborativa e participativa nas atividades em grupo? Em que momentos minha participação nas atividades em grupo foi mais significativa? Por quê?
6. Quais foram os principais obstáculos na realização do projeto?

### PARA CONSULTAR

#### Livro

- ROSENBERG, Marshall B. *Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. São Paulo: Agora, 2006.  
Esse livro apresenta, com linguagem acessível, a origem e os principais pontos da comunicação não violenta (CNV).

#### Site

- PRÁTICAS alternativas. Disponível em: <<https://praticasalternativas.org.br/>>. Acesso em: 12 dez. 2019.  
Nesse *site*, para se inspirar, você pode consultar diversas práticas de intervenções comunitárias em diferentes áreas de atuação em todo o Brasil.

#### Vídeo

- QUANTO vale ou é por quilo? Direção: Sergio Bianchi. Brasil, 2005. 105 min.  
Inspirado no conto "Pai contra mãe", do escritor brasileiro Machado de Assis, o longa aborda as relações nem sempre pacíficas entre empresas financiadoras de projetos sociais e as comunidades apoiadas por essas empresas.